

DISPOSITIVOS DISCURSIVOS E PARRESÍA CÍNICA NO ATIVISMO SOCIOPOLÍTICO DE LEONARDO SAKAMOTO

Jorge Alves Santana

jorgeufg@bol.com.br

<http://lattes.cnpq.br/2812435500901945>

Alice Amorim de Santana Mota

alicemota@live.com

<http://lattes.cnpq.br/368364565229587>

Interesse é "estar em", participar, admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos.

Razões práticas: sobre a teoria da ação. Pierre Bourdieu, 1996, p. 139.

Um homem se ergue diante de um tirano e lhe diz a verdade.
O governo de si e dos outros. Michel Foucault, 2010, p. 49.

10) Falta amor no mundo. Mas também falta interpretação de texto.

Dez breves comentários sobre comentários da internet. Leonardo Sakamoto, 2016.

RESUMO

Acompanhamos, neste breve estudo, três dispositivos discursivos de Leonardo Sakamoto publicados em seu blog (SAKAMOTO: 2016). De temática e de expressões movidas por razões práticas (BOURDIEU: 1996), tais formações discursivas explicitam e denunciam injustiças sociais, vulnerabilidades psicossociais, conflitos classistas e situações afins da sociedade brasileira contemporânea, tanto em contexto local quanto no global. São, pois, vetores discursivos críticos, propedêuticos e de intervenção direta, perspectivados também pelas estratégias da parresía cínica (FOUCAULT: 2006, 2010; 2011), que objetivam a produção de certo reequilíbrio social dialético. Esse reequilíbrio também está ligado às ideias propostas pelas três ecologias (GUATTARI: 1990), que são movidas por valores éticos pertinentes aos possíveis/ necessários conhecimentos e usos dos cuidados de si e dos outros, em nossa coexistência historicamente negociada, através de envolvimento e/ou alienações (ELIAS: 1998) em contextos tecnodemocráticos.

Palavras-chave: Dispositivos discursivos transversais; parresía cínica; Leonardo Sakamoto

INTRODUÇÃO

Doutor em Ciências Políticas, jornalista e ativista social no campo dos Direitos Humanos, Leonardo Sakamoto (1) vem construindo seu lugar de sujeito ativo nas plataformas multimidiáticas brasileiras. Suas pragmáticas ações de pesquisas e de denúncias de variado espectro de injustiças sociais, de vulnerabilidades psicossociais predominantes nas relações trabalhistas, de relações jurídicas quanto a equilíbrios dialéticos entre classes conflitantes, já lhe produz um lugar emblemático no campo de formações discursivas críticas e pragmáticas.

Acompanharemos nesse breve estudo três de seus textos, publicados em seu blog mantido pelo UOL (2), lugar intermediário que abrange a escala tanto digital quanto a analógica, possuindo expressiva penetração no noticiário nacional. Essa discursividade, pautada por extensas/intensas investigações de campo, demonstra uma vertente jornalística marcada pelas estratégias tanto de descrever e explicar os contextos referidos, como por aquela formação discursiva da *parresía*, que aponta condições de produção de verdades sociais, políticas e culturais. Esse desvelamento de contextos complexos exige a coragem de informar a sociedade sobre seus próprios descaminhos coexistenciais, o que exige certa coragem psicossocial diante das reações denegativas que historicamente surgem.

Apesar do corolário que os textos críticos e francos assumem, o ativista não se furta de sua índole propedêutica quanto ao objetivo de se atingir o ponto de equilíbrio

1 De acordo com breve apresentação feita no blog do autor, sabemos que ele “É jornalista e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Cobriu conflitos armados em diversos países e o desrespeito aos direitos humanos no Brasil. Professor de Jornalismo na PUC-SP e pesquisador visitante do Departamento de Política da New School, em Nova York, é diretor da ONG Repórter Brasil e conselheiro do Fundo das Nações Unidas para Formas Contemporâneas de Escravidão.” (SAKAMOTO, 2016, p. 1). Some-se a isso sua atuação como repórter/ comentarista/ apresentador/ ensaísta, entre outras atividades afins em variadas plataformas midiáticas.

2 UOL é uma das maiores empresas brasileiras de produção de produtos, conteúdos e de variados outros serviços. Pertence ao Grupo Folha. É um dos sites mais utilizados pela população brasileira. Leonardo Sakamoto também utiliza outras plataformas digitais e analógicas para exposição de seu trabalho; o que o torna um dos pesquisadores e jornalistas ativistas mais intermediários de nosso meio.

entre as ecologias mental, ambiental e social. Essa tríade forma os alicerces da sociedade tecnodemocrata que ambicionamos construir. Nesse quadro, não nos ateremos às questões de políticas partidárias, pois as temáticas exploradas, do ponto de vista de imperativos categóricos, dizem respeito, ao menos retoricamente, à maioria dos projetos políticos institucionalizados.

PARRESÍA CÍNICA E RAZÕES PRÁTICAS

Já é comum, na recepção dos textos de Leonardo Sakamoto, acompanharmos as opiniões de que sua verve costuma “cutucar onças com vara curta”. Ou seja, suas reportagens demonstram pragmática exploração de fatos sociais que dizem respeito às ações de um *socius* institucionalizado por valores políticos reiteradamente arbitrários.

Seu lugar social de agente ativo é montado pela adesão aos segmentos sociais em franca vulnerabilidade, basicamente quanto às questões econômicas e psicossociais. Seu ativismo mais visibilizado, tanto o de produção textual quanto o de ação prática no quadro de conflito, diz respeito às infrações jurídicas nas relações trabalhistas brasileiras. No entanto, seu espectro acional abrange variadas frentes que questionam a lisura institucional e constitucional de nosso Estado e governos. Lugar comum dessas suas ações é certo deslocamento do arsenal puramente teórico para ações/reações nas quais a razão prática é o móvel central de suas formações discursivas. Ou seja, vemos aí o equilíbrio entre teoria e práxis que marca a compleição de alguns intelectuais ativistas contemporâneos.

Um dos exemplo dos dispositivos discursivos de Sakamoto é o texto “Justiça reafirma que não é crime divulgar resgates de trabalho escravo.” (SAKAMOTO, 06/07/2016, 08:46). Aqui acompanhamos os desdobramentos processuais que o autor demandava à justiça brasileira quanto a um processo que certa empresa lhe impunha. O caso primeiro diz respeito ao fato de o jornalista ter publicado em seu blog, uma lista de empresas que utilizavam trabalho humano semelhante ao trabalho escravo. A empresa em questão julgou por bem que seus direitos foram quebrados por tal publicação sobre ação ainda em curso e recurso, e o processou pelo ato. No entanto, tal processo foi negado, após complexo e filigranado curso, na instância última do Supremo Tribunal

Federal; o que marca, de modo cultural, significativamente essas ações de denúncia e de processamento jurídico. Vejamos o início da postagem:

A 2ª Turma do Colégio Recursal Criminal de São Paulo, em julgamento realizado nesta terça (5), decidiu, por unanimidade, que não cometi crime de difamação por ter disponibilizado, neste blog, um link para uma lista com o nome de empresas que foram alvo de operações de resgate de trabalhadores em condições análogas às de escravo pelo governo federal. Uma informação de natureza pública, fornecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego, via Lei de Acesso à Informação, que não veio acompanhada de comentários ou juízos de valor. Ela reafirmou a decisão proferida em primeira instância.

Para os magistrados, não só não cometi crime algum como estava no meu direito de divulgar informações públicas e de interesse público: “Não se verifica, em tal manifestação, abuso da liberdade de informação e de crítica, tendo o apelado, apenas, divulgado dados públicos obtidos junto ao Ministério do Trabalho, não acobertados por qualquer sigilo. Agiu, assim, amparado pela garantia constitucional assegurada no art. 5º, IV, da Constituição Federal, nos limites de sua profissão de jornalista”, afirmou a juíza relatora do caso, Maria Carolina Bertoldo. SAKAMOTO, 06/07/2016, 08:46).

O texto em questão demonstra um quadro ainda recorrente em nossa sociedade: as relações desiguais de enfrentamento entre a anacrônica estrutura oligopólica brasileira e a legislação trabalhista em vigor, de nossa constituição. Assustador é o fato de que a exposição comprovada da quebra de tal legislação fosse ainda capaz de criar condições para que seu expositor seja criminalizado. Assim, a ética de se respeitar consensos criados de modo democrático é colocada em questão de modo enviesado, através de dispositivos jurídicos conservadores e ainda mantenedores de injustiças sociais.

No entanto, Sakamoto tensiona o caso, de modo a criar condições de produção de verdades que resgatem os princípios, valores e crenças acordados em prol da equidade no campo da produção e de distribuição dos variados capitais advindos das relações trabalhistas. Ele descreve detalhadamente o caso, demonstrando como percorre os meandros do judiciário nacional, ainda capaz de dar espaços para as infrações trabalhistas. Sua ação é insistente até o ponto em que tal jurisdição lhe aponta certo ganho de causa. É uma voz, pois, que corajosamente enfrenta um cruel *leitmotiv* da produção capitalista: o do lucro voraz acima de qualquer regra democrática, amparado tradicionalmente por um intrincado, por vezes esquizofrênico e enviesado conjunto de leis que é desconhecido pela maioria de nossa população. Nesse ponto, percebemos como

há em seu texto denunciador e propedêutico, aquela estratégia refletida por Michel Foucault, quando esse pensador ativista nos fala da parresía (3):

Um dos significados originais da palavra grega parresía é o "dizer tudo", mas na verdade ela é traduzida, com muito mais frequência, por fala franca, liberdade de palavra, etc. Essa noção de parresía, que era importante nas práticas da direção de consciência, era, como vocês se lembram, uma noção rica, ambígua, difícil, na medida em que, em particular, designava uma virtude, uma qualidade (há pessoas que têm a parresía e outras que não têm a parresía); é um dever também (é preciso, efetivamente, sobretudo em alguns casos e situações, poder dar prova de parresía); e enfim é uma técnica, é um procedimento: há pessoas que sabem se servir da parresía e outras que não sabem se servir da parresía. (FOUCAULT, 2010, p. 43).

A parresía, como disposição interpessoal para alertar a comunidade em relação a possíveis descaminhos no trato coletivo, é então uma qualidade, um dever e uma técnica de comunicação e de razão prática que objetiva, corajosamente, o desvelar necessário que há de se fazer para a reeducação quanto às práticas disfuncionais para o bem-estar coletivo. Assim, percebemos como esse primeiro texto de Sakamoto nos oferece um exemplo de desalienação e de envolvimento (4) com um quadro conflituoso de relações trabalhistas, bem como dos processos de reengenharia ética desse contexto.

IRONIA SOCRÁTICA E CERTO COROLÁRIO DAS RAZÕES PRÁTICAS

Um dos princípios do discurso movido pela parresía é o do caráter propedêutico da reeducação. Fala-se a verdade, de modo franco e corajoso, com o objetivo de se explicitar, de se alertar e de deslocar o comportamento infrator. Essa fala é dirigida ao campo interpessoal que é a ágora, seja a antiga ou a contemporânea. Ainda com Michel Foucault (2011), o recurso da ironia socrática é uma das estratégias que se percebe nos

3 Michel Foucault tece tais reflexões sobre a parresía nos últimos cursos que ministra no Collège de France; portanto, já em sua fase de genealogia sobre a correlação saber/poder nos processos de subjetivações antigos e contemporâneos. Nesse contexto, suas preocupações se concentram nos aspectos do cuidado de si, dos outros e nos contextos filosóficos e sociopolíticos (ou em epistemes transversais) de produção e de veridicção dos discursos de verdade. Sua base teórica vai de situações do mundo antigo greco-romano até nossos cotidianos contemporâneos. A parresía, aí, torna-se cínica quando, de modo predominante, o sujeito ativista desvela a sua comunidade as contradições entre os comportamentos assumidos por ela e os pressupostos de valores e leis que baseiam tais comportamentos.

4 Sobre alienação e envolvimento, nos processos de ação política, acompanhamos as esclarecedoras reflexões de Norbert Elias (1998), em sua correlação entre tradição e inovações contestadoras e libertárias.

dispositivos textuais de Sakamoto. Neles, há a tentativa de demonstrar aos seus leitores/espectadores/ouvintes que seus conhecimentos sobre determinadas relações sociais estão equivocados e que, a partir desse material de equivocada compreensão primeira/primária, há de se fazer certa desconstrução e reconstrução de sentidos. Nessa perspectiva, a ironia, uma contraparte do cinismo (5), visa mostrar ao receptor, tido como sujeito a ser reativado e que pode ser reeducado, o desencontro entre aquilo acreditado como verdade e aquilo que realmente lhe fogia da perspectiva de fato digna de crédito.

Michel Foucault também nos alerta sobre o corolário que o uso da parresía nos ocasiona, quando conscientemente a utilizamos de modo sociopolítico. Uma dessas notórias consequências é a vida do sujeito ativo ser colocada em franca condição de riscos. A sociedade que tem seus preconceitos e comportamentos desvelados, de modo usual se irrita e tende a usar mecanismos denegativos de neutralização da fonte que a alerta e a reeduca. O ativista corre, então, risco de morte, de variadas modalidades, de forma concreta.

Quanto a esse quadro ocasionado pela parresía cínica, temos um exemplar texto de Sakamoto: “Dez breves comentários sobre comentários da internet”:

- 1) A ignorância é um lugar quentinho.
- 2) Se “a educação é a saída para o país”, poucos entendem o que essa frase realmente significa.
- 3) A porrada é o nosso melhor argumento. É o que nos define como povo. O que realmente nos une e nos faz brasileiros.
- 4) Aliás, se carteira de motorista fosse concedida apenas a quem soubesse explicar o que são “direitos humanos”, o Brasil andava a pé.
- 5) Ser criticado nas redes não é ruim. A tragédia é a falta de criatividade da maioria dos comentaristas da internet. Isso deprime. E muito.
- 6) Quando você passa a dar mais importância a um post anônimo sem fontes do que a uma consistente reportagem, vale apertar o botão e gritar para o motorista parar o mundo que você vai descer.
- 7) Não há sensação mais prazerosa que bloquear um comentarista que incitou violência repetidas vezes e depois ver ele voltar com outro perfil, espumando de ódio, só para ser bloqueado de novo.
- 8) Não, há sim. Ele escrever um textão dizendo que foi vítima da censura.

5 Para reflexões sobre a diacronia dos variados sentidos do cinismo, como elemento constitutivo da ironia e de tropos afins, nas culturas ocidentais, queira acompanhar LAURSEN: 2009, MAZELLA: 2007 e GRANE: 2016.

9) Toda vez que alguém diz que o educador Paulo Freire é um mal a ser combatido, o meteoro se aproxima da órbita da Terra.

10) Falta amor no mundo. Mas também falta interpretação de texto.

(SAKAMOTO, 16/07/2016, 17:42)

Diante de intensa recepção negativa por parte de segmentos conservadores de seus leitores, o ativista demonstra certa fleuma comportamental. Esse procedimento aproxima-se daquele cinismo/ironia/humor (6) que pretende desconstruir contextos contraprodutivos quanto aos alvos a serem atingidos pela ação discursiva.

A seriedade do contexto receptivo, assim, é deslocada para a dimensão na qual se tenta relativizar o potencial agressivo/destrutivo da demanda colocada em condições plausíveis da ironia socrática. Essa ironia é tida como historicamente humanitária, dialética e propedêutica.

“Falta amor no mundo. Mas, também, falta interpretação de texto.” Tal reflexão irônica coroa a constatação, feita através das gradações de respostas dadas às ameaças e julgamentos negativos de leitores, de que o autor não quebra o circuito da comunicação entre si e a outridade variada e heterogênea que conforma seu público feito por coautoriadores de sentidos. Ao contrário, percebemos que o fato de dizer certas verdades, de modo corajoso e ativo, a resposta dialógica demonstra a preocupação constante de também se manter abertas as portas para a interação política capaz de manter o campo socioecológico em pleno funcionamento. Sabemos, porém, que tal postura incorre em graves riscos psicossociais e sacrifícios pessoais, como já mencionamos.

AS TRÊS ECOLOGIAS QUANTO AO CUIDADO DE SI, DOS OUTROS E DO SOCIUS

O pensador Félix Guattari, em seu marcante ensaio *As três ecologias* (1990), ensina-nos que nossas formações discursivas são marcadas por questões ético-estéticas que significam e ressignificam constantemente nossas práticas sociais. Guattari nos alerta

6 Esses tropos da retórica são habitualmente diferenciados de acordo com seus usos e efeitos de sentido. Aqui, no entanto, os elencamos no mesmo campo semântico no intuito de suscitar a curiosidade dos/as leitores/as deste nosso breve estudo, para uma instigante pesquisa sobre esse campo de produção discursiva.

para o fato de habitarmos um espaço local e global em franca rapidez de transformações técnicas e científicas. Daí, pensarmos nos cuidados que havemos de ter para com nossas dimensões pessoais, interpessoais e ambientais (ambiente aqui visto como confluência de natureza e civilização). Este pensamento (7) evidencia que as

três ecologias deveriam ser concebidas como sendo da alçada de uma disciplina comum ético-estética e, ao mesmo tempo, como distintas uma das outras do ponto de vista das práticas que as caracterizam. Seus registros são da alçada do que chamei heterogênese, isto é, processo contínuo de ressingularização. Os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes. (GUATTARI, 1990, p. 55).

Individualidade solidária em sua singularidade acional e na atenção coletiva dessa singularidade ontologicamente marcada. Essa marca indica a dimensão do bem-estar pessoal, do coletivo e do *socius* construído de modo histórico, através de negociações entre posições tradicionais e revolucionárias. A dinâmica includente das três ecologias estão, pois, presentes nos textos de Sakamoto que ambiciona exercer seu *savoir faire* no tecido social nacional, influenciado também pelo intenso devir ocasionado pelo processo de globalização no qual estamos insertos/incertos.

Um dos textos que denotam preocupação quanto a esse processo de globalização é o atual e polêmico “Quantos cadáveres de jovens negros e pobres vale uma Olimpíada?” (SAKAMOTO, 10/07/2016 10:01). Eis o início desse dispositivo discursivo:

O tráfico de drogas é a maior causa de morte entre os jovens nas periferias. Mas, na maior parte das vezes, a batalha acontece longe dos olhos da mídia, que só eventualmente dá atenção ao problema. A imensa maioria dos corpos contabilizados quase sempre é de jovens, negros, pobres, que se matam na conquista de territórios para venda de drogas ou pelas leis do tráfico. Os mais abastados sentem a violência, mas o que chega neles não é nem de perto o que a xepa é obrigada a viver em seu cotidiano.

7 Por estreita relação com discurso e prática ativistas de Sakamoto, achamos por bem citar parte do pensamento de Guattari sobre a dinâmica integrativa das três ecologias: “Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquinico redobra do pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade?” (GUATTARI, 1990, p. 09).

De tempos em tempos, essa violência causada pelo tráfico retorna com força ao noticiário, normalmente no momento em que ela desce o morro ou foge da periferia das grandes cidades.

Ou, agora, em que o Rio de Janeiro está prestes a sediar os Jogos Olímpicos e o mundo se pergunta se a cidade conseguirá garantir segurança aos visitantes.

Os visitantes podem ficar tranquilos. Pois as forças de segurança são tão competentes que são capazes de acertar um tiro na nuca de um suspeito no meio de um confronto armado. E, criativos, porque se justificam depois como resistência seguida de morte.

O caráter polêmico e exemplar desse dispositivo textual é evidenciado pelo seu valor político e cultural que nos diz respeito em época de Olimpíadas Rio-16. Um dos maiores eventos esportivos mundiais é utilizado para termos o conhecimento objetivo e a medida adequada de nossas relações sociais quanto a certo segmento social altamente vulnerável, que é nossa população de adolescentes e de jovens negros e favelados em “franco confronto com a lei”.

A parresía cínica é utilizada aqui em sua pujança mais crua e trágica quando nos traz à tona um dos mitos de nossa democracia racial/ multiétnica. Por pesquisas praticamente etnológicas (pois o autor vai a campo, observa e coleta de modo objetivo os dados que usa), vemos os números atípicos de prisões e/ou de mortes de adolescentes e de jovens negros nos procedimentos de segurança oficial que os tais jogos exigem, para a tranquilidade da sociedade nacional e da mundial.

O cinismo propedêutico do texto está, então, na explicitação de que a paz em um evento político-cultural depende diretamente da destruição das supostas fontes de desordens sociais. Há, então, uma provocação para que nossa sociedade repense seus princípios de paz social, que verifique os mecanismos asseguradores desse estado e que, sobretudo, constatem que as ações de violência terminal para com os segmentos de grande vulnerabilidade social não solucionam os conflitos, mas que os encobrem, adensando-os de modo crônico e injusto.

É de se esperar, nesse dialogismo corajoso, que fiquemos pensativos e até ofendidos por termos nossos procedimentos, tidos como funcionais e justos, desconstruídos na praça pública de nossa tecnodemocracia (8). No entanto, mesmo

8 Por tecnodemocracia, conceito que usamos no decorrer deste estudo, aproximamo-nos das reflexões de Pierre Lévy sobre a construção consciente de uma sociedade equânime, através dos seus dispositivos maquínicos, com universos virtuais em franca confluência com os cotidianos “reais”. Para ele: “A técnica em

ofendidos em nosso orgulho de cidadãos civilizados e funcionais, somos afetados pela exposição franca e corajosa da situação social de desajuste crônico.

Se, no entanto, nossa sociedade estiver atenta a tais provocações construtivas, esse mal-estar inicial poderá nos apontar direções para observarmos, compreendermos e agirmos, como podemos agir nesse doloroso exemplo de conflito social que Sakamoto no impõe, quanto a essa situação multirracial/multiétnica, na qual nossa sociedade festeja ou se lastima em tantos rituais que lhes marca o imaginário e as razões práticas *in progress* da nação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos com esse breve estudo acompanhar algumas estratégias da produção e de recepção ativas dos dispositivos discursivos transversais do ativista Leonardo Sakamoto. Dispositivos discursivos transversais por serem montados na confluência dialógica e dialética de várias disciplinas e saberes pertinentes a divulgação e manutenção dos direitos humanos estabelecidos em nossa sociedade brasileira.

Percebemos a presença de elementos discursivos da parrésia cínica, moldada por procedimentos contemporâneos frente a contextos nos quais se faz necessário apontar para disfunções sociais envoltas em posturas hipócritas ou politicamente reacionárias. Tal cinismo, diferente da desconstrução antidemocrática, visa a propedêutica crítica que chama a população à reordenamentos no campo da ética coexistencial. Assim, há um interesse do *corpus* analisado em valorizar o *socius* construído de modo histórico, corrigindo-lhe as deficiências. Há uma imersão nesse jogo social, no qual as diferenças devem ser compreendidas em suas complexidades e administradas em prol do bem-estar coletivo. Nesse ponto, lembramo-nos das reflexões dos sociólogo francês Pierre Bourdieu, que nos ensina:

geral não é nem boa, nem má, nem neutra, nem necessária, nem invencível. É uma dimensão, recortada pela mente, de um devir coletivo heterogêneo e complexo na cidade do mundo. Quanto mais reconhecermos isto, mais nos aproximaremos do advento de uma tecnodemocracia.” (LÉVY, 2004, p. 119).

Todo campo social, seja o campo científico, seja o campo artístico, o campo burocrático ou o campo político, tende a obter daqueles que nele entram, essa relação com o campo que chamo de *illusio*. Eles podem querer inverter as relações de força no campo, mas, por isso mesmo, reconhecem os alvos, não são indiferentes. Querer fazer a revolução em um campo é concordar com o essencial do que é tacitamente exigido por esse campo, a saber, que ele é importante, que o que está em jogo aí é tão importante a ponto de se desejar aí fazer a revolução. (BOURDIEU, p.140).

Fazer parte de um campo psicossocial, expresso basicamente por dispositivos discursivos múltiplos e heterogêneos, é uma constante no rol de ações e de reações de Leonardo Sakamoto. Para esse ativista, amores e condições potencialmente adequadas de interpretação de dispositivos discursivos são pressupostos necessários capazes de construir nossas ecologias existenciais.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução e Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e alienação**. Tradução de Álvaro de Sá. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade. O governo de si e dos outros II**. Curso no Collège de France (1983-1984). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2011.

_____. **O governo de si e dos outros**. Curso no Collège de France (1983-1984). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2010.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. Curso no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

GRANE, Gregory R. (Editor-in-Chief). **Diogenes Laertius: Lives of Eminent Philosophers**. Perseus Digital Library. In: <www.perseus.tufts.edu/hopper/DiogenesLaertius>. Acesso em 10 de julho de 2016.

LAURSEN, John Christian. **Cynism Then and Now**. Iris, Issn: 2036-3257, I, 2 October 2009, p. 469-482, Firenze University Press.

MAZELLA, David. **The Making of Modern Cynicism**. University of Virginia Press, 2007.
LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 13a ed, São Paulo: Editora 34, 2004.
SAKAMOTO, Leonardo. **Blog do Sakamoto**. In: <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/>. Acesso em 22 de julho de 2016.

SOBRE OS AUTORES:

Jorge Alves Santana: Professor Associado III da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás/UFG. Atua no ensino, pesquisa e extensão, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Pós-doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, com estudo sobre envelhecimento e velhice em acontecimentos literários e culturais contemporâneos. Orientou e orienta mestres e doutores na confluência feita pelos Estudos Literários e Estudos Culturais.

Alice Amorim de Santana Mota: Graduanda do Curso de Direito da Pontifícia Universidade Católica/PUC-GO. Participa de encontros e ações da ABRAPO (Associação Brasileira de Advogados do Brasil - Seção Goiás) e possui publicações e interesses acadêmico-profissionais na área de Direitos Humanos.